

Eleuses Vieira de Paiva

Homenagem do CRM, da APM e da Academia de Medicina, no Dia do Médico

Guido Arturo Palomba

Coube-nos a honrosa missão de saudar, em nome do Conselho Regional de Medicina, da Associação Paulista de Medicina e da Academia de Medicina de São Paulo, o ilustre médico doutor Eleuses Vieira de Paiva, presidente da Associação Médica Brasileira, escolhido para ser o homenageado neste dia 18 de outubro, Dia do Médico.

Em apertadíssima síntese, essa homenagem que estamos hoje prestando ao Eleuses tem os seus primórdios em Arnaldo Viera de Carvalho, que, no início do século passado, cultuava o dia 18 de outubro, que é Dia de São Lucas, com missa de ação de graças, seguida de almoço de confraternização, ao qual compareciam as mais gradas figuras da classe.

Entretanto, a data foi oficializada somente em 1971, por Eurico Branco Ribeiro, devoto de São Lucas, e pelo deputado estadual Abrahim Dabus.

A partir desse momento, a Associação Paulista de Medicina, em 18 de outubro, todos os anos presta homenagem a grandes vultos da Medicina. E hoje, as três entidades reunidas – Conselho Regional de Medicina, Associação Paulista de Medicina e Academia de Medicina de São Paulo – escolheram por

unanimidade o doutor Eleuses Vieira de Paiva para receber essa demonstração de respeito, em reconhecimento à sua liderança na classe médica, a qual exerce com vocação acentuada – vocação no sentido etimológico, que quer dizer voz interior que solicita e aponta o caminho, como se fosse uma luz a ser seguida.

É bem verdade que a chama que se-
duz pode queimar e destruir os próprios seres atraídos. Mas quando existe, como em Eleuses, uma autêntica vocação, à qual se aliam, acima de tudo, a responsabilidade, a inteligência e a lealdade, aquela mesma luz emprestará, ainda, maior brilho à predestinação.

E assim, Eleuses, as entidades médicas, irmanadas no mesmo propósito, como diria Dullio Crispim Farina, de saudosíssima memória, peregrinas da mesma peregrinação, o Conselho Regional de Medicina, a Associação Paulista de Medicina e a Academia de Medicina de São Paulo, aqui representadas pelos seus presidentes, os doutores Clovis Francisco Constantino, José Luiz Gomes do Amaral e nós, reconhecendo as suas importantes vitórias, o seu grande empenho à causa médica, prestam, com os parabéns e agradecimentos, esta singela mas muito justa homenagem.



Eleuses Vieira de Paiva

Saudação proferida em 18 de outubro de 2004, no teatro da Casa de Arnaldo.

Guido Arturo Palomba
é diretor cultural da Associação Paulista de Medicina

Yvonne Capuano

Academia Cristã de Letras

Afiz Sadi

Muito gratificante aceitar o convite da doutora Yvonne Capuano e a confirmação do meu nome pela Presidência da Academia de Letras, a fim de saudá-la durante sua posse como acadêmica vitalícia do nosso sodalício. Muito mais honroso falar sobre a nobre esculápia, formada nos idos de 1964, numa turma de 54 alunos, pela Escola Paulista de Medicina, época indelével à minha memória, até o momento, porque naquele ano submetia-me ao concurso da Cátedra de Urologia na vetusta instituição médica. Isso significa que bem conheci a aluna Yvonne e, acompanhando-a posteriormente, senti todo o seu entusiasmo, seu labor, sua força interior, sua sensibilidade ímpar, sua ética invejável, sua característica humana própria dos bons e privilegiados por Deus. Yvonne abraçou a literatura e sua predileção pela história e pela vida dos grandes vultos da nacionalidade ou que atuaram no desenvolvimento e criatividade desses brasis do passado ou mesmo contemporâneo. Haja vista o verdadeiro tratado das atividades de Giuseppe e Anita Garibaldi, não somente no Brasil como sua continuidade na península itálica, com rara paciência e profunda pesquisa histórico-bibliográfica desses heróis, realizada pela pertinácia de Yvonne Capuano, tornando-se a mais completa obra já descrita no Brasil sobre os *Sonhos e Utopias* de Anita e Giuseppe Garibaldi.

Não se pode esquecer, dentre as inúmeras publicações de Yvonne Capuano, das recentes referências às duas primeiras médicas brasileiras do último quartel do século XIX, publicação em livros com comentários judiciosos, históricos, fidedignos, considerando-as formadas no exterior, por proibição de mulheres estudarem no país, até en-

tão de antigamente, excessivamente discriminatório.

Esse é um pequeno esboço sobre Yvonne Capuano. Não há tempo, nessa cerimônia, para traçar o seu perfil, e/ou o seu extenso currículo. Yvonne é paulista de nascimento, médica pela Escola Paulista de Medicina e formada, como disse, em 1964, logo após os trâmites da desastrosa “revolução brasileira”, sem derramamento de sangue. Trabalhou como profissional no Hospital 9 de Julho, no Same e no Hospital Santa Paula. Publicou vários trabalhos de natureza científica e livros especializados. Lamentavelmente, algum tempo depois – para os pacientes, muitos desprotegidos e necessitados de saúde – abandonou sua carreira para assumir a direção da indústria Clock SA, uma das maiores unidades metalúrgicas de São Paulo, e, como era de se esperar, continuou com ascensão o trabalho dos seus familiares, fundadores da empresa, na época há mais de 40 anos.

À frente da indústria de 1982 a 1993, Yvonne patrocinou uma série grande de eventos na música, nas artes, na preservação do patrimônio histórico, fazendo seu nome expandir-se pelo país como grande incentivadora da cultura. Como empresária, atua hoje à frente da Assistência de Medicina Preventiva Ambulatorial e Industrial S/C/Ltda., da CAP (Comércio, Empreendimentos e Participações) S.A. e da Sociedade de Empreendimentos Comerciais (Socec) Ltda. Ainda integra o Conselho Municipal de Saúde, o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, o Conselho Superior do Instituto Roberto Simonsen, o Conselho do Centro de Integração Empresa-Escola, o Conselho Administrativo do Hospital Santa Paula, o Conselho da Universidade Santo Amaro – Unisa – e, entre outros afazeres, mantém o PEC (Projeto Educacional Capuano), escola que proporcio-

na cursos supletivos para jovens e adultos há 20 anos. Faz parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de História (hoje Secretária Geral da instituição), de outras sociedades nacionais e internacionais e agora toma posse como acadêmica vitalícia na Academia Cristã de Letras.

Senhoras e senhores: como disse, o tempo é curto e o espaço exíguo para dissertar sobre todo o currículo dessa ilustre guerreira. Espírito vivo, cérebro intranquilo, atividade ímpar, invejável, Yvonne não se cansa; seus neurônios estão permanentemente em atividade, exigindo sempre mais do seu físico insone. Não há espaço nela para delongas ou dubiezas; seu linguajar é objetivo, franco, às vezes contundente, porém sempre sincero e honesto. Algumas vezes pode parecer rude, mas não há ofensas, ambição, vaidade, e sim vontade de servir e a bondade que emana de suas virtudes, de suas atitudes positivas, sempre críveis.

Yvonne Capuano, eu a conheço desde os bancos acadêmicos e falar dela é prazeroso, mas nada é novidade, porque cresceu tanto que todos a conhecem como grande empresária, excepcional escritora e maior ainda historiadora. Via em Yvonne diferenciação entre seus colegas de turma; parecia uma predestinação e, no dizer dos meus ancestrais, estava escrito: “MAKTUB”.

Assim é a vida, um círculo contínuo, no marulho das águas, no farfalho das folhas, no estrugir das ondas, no pássaro que esvoaça, no canto que seduz. Minha cara Yvonne, eu diria, para o desafo que vem de longa data, ainda que metaforicamente, que quando a sanha se debruça no evoluer de uma existência, a ganância manifesta firme, sem sequer tibieza, oprimindo ao ser incauto, crédulo e sempre cortez, o sotopo preparado e a extensão de sua certeza, grave

lesão condiciona decepção, mágoa inaudita aos limiares do espírito, ao âmago de sua alma.

Oh! Deus, que tormento é esse, que abala essa alma perdida, com todo o seu atavismo, até aos confins de sua vida, inútil e malquerida. Não há cura para esse mal.

Quando soprarem no espaço/ as entidades famélicas/ serene seu coração.// Moucos aos maldosos opróbios,/ vagarão menosprezados/ na agonia de viver.// Urdindo fadário mortal/ exalam o fôlego vital/ arquejando, e, no entanto,/ o sopro da vida evolui-se.// Sempre hábil é a língua/ solícita e defensiva,/ ferina, sempre agressiva.// Mas, florida é a juventude.// O perdão é insinuante.// O rosto às lágrimas tismam.// As entidades no espaço,/ serenam a dor miocárdica,/ evoluem-se, prolongando/ mais o tempo para a vida.

Tentei configurar nesta peroração tudo o que sei, ou quase tudo, que exalta admiro e respeito em Yvonne Capuano, e foi uma maneira de almejar-lhe o máximo de tempo, com seu carisma, sua vida brilhante, sua inteligência invulgar, para que possa produzir muito mais na vida, nessa vida que por vezes nos prega peças indelévels – com ou sem digressões.

Excusas por ter abusado da paciência dos senhores; porém, são sonhos acalentados durante toda uma existência, e Yvonne Capuano poderá construir essa doutrina planejada com proselitismo, medrando benéfica, espalhando-se frutífera, absorvida por toda uma comunidade inteligente e ávida por cultura.

Yvonne Capuano: faça, use todo o seu talento, continue sua trajetória vitoriosa e adentre aos umbrais da nossa Academia de Letras.

*Oração de recepção proferida
no auditório da Fiesp,
em 26 de outubro de 2004.*

Afiz Sadi
é membro da Academia
Cristã de Letras

Romaria

Paulo Bomfim

O Sítio do Capão, originário da sesmaria de Fernão Dias, era lindeiro com as terras de Antonio Rodrigues de Almeida e de Lourenço Castanho Taques, mais tarde, incorporadas à propriedade de Pedro Taques, que morreu próximo à rua que tem seu nome. Abrangia área que ia do Anhangabaú ao Araçá, seguindo a primitiva trilha guaianá, que deu lugar ao Caminho de Pinheiros ou, do Aniceto.

Nasce aí a Igreja de Nossa Senhora da Consolação, ponto de partida da romaria que empreendo por templos de minha infância. Ao lado esquerdo, no pátio da Congregação Mariana, enquanto dona Yaya Prudente tentava me preparar para a Primeira Comunhão, iniciei-me em brigas de rua. Dois irmãos ruivos e sardentos, Osmar e Osvaldo, passam a me provocar. Enquanto partia para cima do Osvaldo, Osmar vem pelas costas e desce em minha cabeça um pedaço de caibro. Acordo poeta, tempos depois, em casa, na Rua Theodoro Bayma, sob o olhar apreensivo de meus pais.

Do lado direito da basílica, ficava a residência de dona Veridiana, onde nasceram Eduardo Prado e o futebol paulista, surgido no velódromo ali existente. O casarão, em meus tempos de garoto, abrigava educandário para moças.

A primitiva capela de Nossa Senhora da Consolação, data de 1799, situada em propriedade da padeira Ângela Vieira. Em 1855, é criada a Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e São João Batista, destinada a

acudir leprosos e enfermos de febre amarela e de cólera. Na ocasião das epidemias, o átrio da igreja era transformado em enfermaria. Três anos mais tarde, em 10 de julho de 1858, seria inaugurado oficialmente o Cemitério da Consolação.

O santuário que agora contemplamos foi erguido em 1907, com altarmor vindo de Paris e pinturas de Oscar Pereira da Silva, Benedito Calixto e Edmundo Cagni. Do antigo, restaurado pelo Cônego Eugênio Leite, restaram os ricos paramentos e as alfaías.

De seu primeiro vigário, o Cônego Carlos Augusto Gonçalves Benjamim, ex-capelão das tropas paulistas, na Guerra do Paraguai, a quem os soldados prestavam continência quando passava, e do Tanque do Reuno existente na propriedade de Martinho Prado, onde, na meia-noite de 24 de junho, realizava-se a lavagem de São João Batista, patrono da Igreja da Consolação, ficaram as lembranças emergentes da alma de um bairro.

Hoje, quando passo diante de sua frontaria suspensa sobre o trânsito, evoco as figuras de Monsenhor Manfredo Leite, que me batizou, do padre Juca, irmão de Monsenhor Carvalho, ouvindo, pacientemente, minha primeira confissão, e o verbo inflamado do Monsenhor Bastos, alertando contra o perigo das tentações. Lembro também a saída da missa das onze, com a revoada de belezas juvenis.

Em meio a tantas evocações, canta o galo na cabeça do menino briguento que se tornou poeta.

São Paulo, os anos 30 e a fundação da Escola Paulista de Medicina

Mara H. de Andréa Gomes

O acontecimento político mais recente à época da fundação da Escola Paulista de Medicina (hoje Universidade Federal de São Paulo – Unifesp) havia sido a Revolução Constitucionalista de 1932. Em meio a esse conturbado movimento vivido em São Paulo, alguns apelos chamavam a atenção da população, os quais se baseavam, na verdade, como dois motes bastante ressaltados na ocasião. De um lado, exaltava-se a coragem e a bravura do povo paulista e o caráter empreendedor de suas elites, e, de outro, revigorava-se o clima separatista. Em meio às comemorações dos nossos 450 anos, pretendo apontar o papel desses acontecimentos na fundação da Escola, caracterizando brevemente o perfil dos fundadores e justificando o próprio nome do empreendimento.

Como se sabe, São Paulo já ocupava posição de comando na economia brasileira, proporcionada pela produção cafeeira. Entre 1920/40, a cidade de São Paulo já se caracterizava plenamente como centro urbano, mercado distribuidor de produtos e de mão-de-obra. Além do “povo da terra”, essa mão-de-obra tinha uma composição étnica bastante heterogênea, abrangendo escravos e imigrantes de diversas procedências, com projetos de ascensão social compatíveis com a plena expansão da cidade.

Do ponto de vista da atenção à saúde, dada a ausência de assistência médica pelo Estado, a presença desses grupos de imigrantes na composição da mão-de-obra paulista acabou provocando a criação de associações de auxílio-mútuo, as chamadas mutualidades.

Com base no mutualismo, a colônia portuguesa já havia criado, em 1859, a Beneficência Portuguesa; em 1905, os italianos fundaram o Hospital Matarazzo; seguiu-se a criação da Sociedade Suíça de Beneficência Helvetia; em 1944, os japoneses inauguravam o seu hospital e, mais recentemente, assistimos à fundação do Hospital Sírio-Libanês e do Hospital Israelita Albert Einstein.

Naquela época, contudo, até que o Estado inaugurasse sua participação no âmbito da assistência médico-hospitalar (em 1923, com a criação das Caixas de Aposentadorias e Pensões e, na década seguinte, dos Institutos de Aposentadorias e Pensões – CAPs e IAPs, incluindo algumas categorias de trabalhadores), essa ocorria através das nacionalidades de origem, ficando de fora, portanto, boa parte da mão-de-obra.

Ao mesmo tempo, a gradativa e sempre defasada expansão da assistência médica apontava a necessidade de serem criadas novas instituições que se propusessem a formar profissionais, a desenvolver pesquisas, a introduzir novas práticas em órgãos destinados à atenção à saúde. Com essas finalidades nasceram o Instituto de Higiene, em 1924, e a Inspeção de Educação Sanitária, em 1925.

Do ponto de vista do ensino superior, a implantação do regime republicano havia promovido uma série de reformas, permitindo inclusive a criação de escolas superiores “livres” e particulares (isto é, não dependentes do Estado, até então detentor do monopólio do ensino superior no Brasil), ampliando e diversificando os cursos existentes.

A partir de 1915, instituiu-se uma série de critérios e medidas bastante rígidas de controle e regulamentação para a abertura de novas escolas, até que essas pudessem ser equiparadas às escolas oficiais.

Fundar uma nova escola, portanto, requeria superar essas barreiras e integrá-la no amplo e difuso projeto de renovação educacional que estava em curso, além de participar da pregação cívica em torno da “regeneração moral e política do país”.

Entre outros itens, este projeto propunha a incorporação de preceitos técnicos de conhecimento às práticas profissionais. Assim, o ensino superior no Brasil, muito mais baseado no conhecimento teórico e na oratória dos educadores, a partir de agora deveria ter finalidades “práticas” – respirava-se os ares do modelo formulado por Flexner em 1910, o qual enfatizava o treinamento em serviço.

Vivia-se em São Paulo duas situações conflitantes no que diz respeito à formação médica: por um lado, uma forte pressão demográfica forçava a expansão e a diversificação dos serviços de atenção médica, mas, por outro, a rigidez das normas federais de regulamentação das novas escolas acabava emperando esse processo. Acrescente-se a esses constrangimentos a insuficiência de vagas oferecidas pela Faculdade de Medicina, a única oficial do Estado, e temos um quadro não muito favorável ao desenvolvimento da assistência à saúde em São Paulo.

Perceber como essas situações promoveram a abertura de uma nova es-



Primeira sede da Escola Paulista de Medicina – Rua Oscar Porto, 54 (1933)

cola médica, de caráter isolado e privado, remete-nos aos dois motes iniciais: quem eram os fundadores? De que forma o clima separatista pode ter precipitado a fundação do empreendimento?

Sobre o perfil dos fundadores, pode-se dizer que era um grupo jovem, de fato (a idade média era de 35 anos); embora mais da metade fosse natural de São Paulo, boa parte deles havia cursado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (a então “Nacional da Praia Vermelha”). Entre as virtudes do grupo, o caráter empreendedor sem dúvida colaborou para deflagrar o movimento que culminou no Manifesto da fundação. Chama a atenção, na leitura que fiz de suas biografias, elaboradas pelo professor Ribeiro do Valle, que a experiência docente talvez não tenha contribuído tanto para que o grupo se unisse em torno da “causa” de fundar uma nova escola médica, uma vez que poucos a haviam exercido.

O que o grupo trazia, na verdade, era uma vasta experiência de trabalho em institutos de pesquisa e uma experiência administrativa ainda maior. Havia ocupado cargos de direção, de chefia; alguns já haviam sido Secretários de Estado e de Município, e outros já tinham

participado do planejamento e da inauguração de serviços especializados.

Tais cargos nos conduzem a pensar que a experiência administrativa e o desempenho de atividades políticas, associadas aos laços de convívio e de amizade aparentes, tenham sido importantes critérios de recrutamento dos fundadores. Essa suposição é possível na medida em que tais competências possibilitaram a formação de uma rede de relações, no plano estadual e nacional, que viria a facilitar o andamento dos fatos relativos não só à fundação da Escola.

Quanto à possível impregnação do “espírito separatista” aos acontecimentos relacionados à fundação, havia o fato incontestado da insuficiência de vagas oferecidas pela Faculdade de Medicina – além disso, o regime de cátedras vitalícias impedia a inserção de novos docentes e dificultava o desenvolvimento de pesquisas. Uma nova escola médica em São Paulo ofereceria uma *segunda opção* * (eis aí, no plano histórico, a origem da pecha) aos alunos, além de novas frentes de ensino a profissionais que as reivindicavam.

Já em relação ao ano da fundação – 1933 –, devemos considerar a facilidade e a repercussão abertas pela fundação, al-

guns meses antes e também por meio de um Manifesto, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Alguns dos fundadores de ambas as Escolas transitavam pelos mesmos ambientes, além de terem assinado os dois manifestos. Ressalte-se o fato de três dos fundadores da EPM terem se matriculado no curso de graduação da Escola de Sociologia.

Finalmente, retomemos um dos motes da conjuntura política de 1932. No contexto histórico de fundação da EPM, as colônias de imigrantes, como vimos, vinham organizando suas modalidades de assistência baseadas no auxílio-mútuo, e algumas corporações instituíam seus serviços de atenção médica. Nesse contexto, a julgar pelo clima separatista, a empresa que se fundava só poderia chamar-se Escola **Paulista** de Medicina, e o Hospital, **São Paulo**.

* *Dentre os tantos ritos de rivalidade entre alunos dessas duas instituições, “segunda opção” é a maneira mais indicativa que os graduandos da Faculdade de Medicina da USP usam para identificar os graduandos da EPM, com base na ordem de escolha no vestibular da Fuvest.*

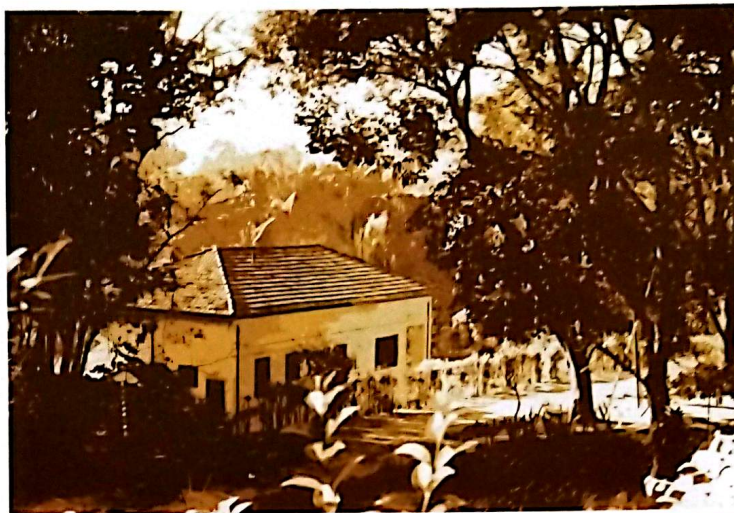
Mara H. de Andréa Gomes
é doutora em Ciências Sociais,
professora adjunta do Depto. de
Medicina Preventiva da Unifesp-EPM

As ondas da orla santista e o higienista

Arary da Cruz Tiriba

Nos tempos modernos, não consta que a cidade tenha registrado algum maremoto. Na baixada, o Atlântico, com maiúscula, não passa de um pacífico com minúscula. Apenas aquela ressaca, uma vez por ano, nada mais... que não passa do show da impetuosidade marinha que a televisão explora tão bem. Mas em se tratando de outras ondas – maiores-mores, as epidêmicas –, do passado ao presente, a população praiana nunca foi poupada.

Em minhas mãos, a matéria bilingüe (português/inglês), de 1909, cuja autoria é de um higienista que comenta a Santos da época. Sobre a urbe, de 60 mil almas, são suas as palavras: “vereis que desde 1900 não houve mais epidemias em Santos, o que nos leva a crer que a febre amarela esteja extinta nessa cidade onde foi endêmica por espaço de tempo superior a meio século.” Sucede que na Cidade do Porto, em 1899, grassava epidemia distinta – a peste –, a qual punha em risco a Europa e os portos das Américas. E Santos também não escapou dessa. O higienista, que de inspetor já se alçara a diretor do serviço sanitário, clarividente, estabeleceu rigorosa vigilância no atracadouro santista, colocando um agente da sua inteira confiança para investigar e debelar os focos da peste negra na cidade litorânea. Quem? Esse agente de saúde? Chamava-se Vital Brazil Mineiro da Campanha (Vital, o santo do natalício; Brazil com o “z” da época; natural de Campanha, Minas Gerais). Formado em medicina no Rio de Janeiro, trabalhara como médico da Força Pública de São



Casa do Horto, em 1907

Paulo e atuara em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba do Sul, e em Botucatu. Conhecido como pertinaz pesquisador de soro contra os venenos – crocálico e botrópico – das serpentes peçonhentas, doutor Brazil, além de médico de área rural, o cobra em víboras!

A peste era tratada com o soro, antipestoso, produzido em animais pelo Instituto Pasteur, de Paris, insuficiente para a demanda mundial! Mas aportara, em Santos, um navio de bandeira francesa com o suprimento para os marinheiros, daquela nação, em ultramar. Pois o diretor sanitário subiu a bordo e convenceu o capitão do barco a ceder o soro de que necessitava para assistir os doentes da terra de Braz Cubas.

Vital Brazil dedicou-se de corpo e alma ao combate à peste, a ponto de adquirir a grave *yersinose*. Mas seu superior hierárquico – sempre em cena, o higienista – desdobrou-se em atenção e assistência profissional ao doente. E o doutor Brazil sobreviveu.

Já então assumira, o diretor sanitário, a resolução: produzir o soro antipes-

toso no Brasil. Para tanto, adquiriu por cem contos de réis uma fazenda distante da cidade, sendo criticado devido ao gasto elevado (esqueciam-se, os que o criticavam, de que os imóveis que lá existiam já edificados representavam a metade do investimento). O laboratório emergente era situado extremamente longe, em consonância com os pre-

ceitos do imunologista Metchnikoff (o médico russo, assistente do sábio Pasteur, recomendava que a pesquisa científica, centrada na peste, deveria ser desenvolvida à distância das cidades, pelo risco de propagação). O nome da fazenda: Butantan.

Satisfaço, leitor, sua curiosidade a respeito do nome do diretor sanitário, ele, que nomeou o doutor Brazil diretor do Butantan e que se constituiu no modelo de sanitaria da província de São Paulo. Modesto, probo, especialista bem fundamentado; por ser correto, sofreu injustiça irreparável, sendo aposentado sumariamente por um simples manuscrito. Anote, então: doutor Emílio Marcondes Ribas, natural de Pindamonhangaba!

E não é que, tendo nascido e crescido – o A. – no bairro do Macuco, em Santos, numa esquina da Rua Emílio Ribas, só agora levantou esses fatos!

Rubro, sim, de vergonha...

Arary da Cruz Tiriba
é médico sanitaria, infectologista
e professor titular (aposentado,
em atuação voluntária)
da Unifesp-EPM

Analogias em Medicina

José de Souza Andrade Filho

Leite de bruxa. (Esp. *leche de bruja*; ingl. *witch's milk*). Bruxa é mulher que faz bruxarias, isto é, atos maléficos – ou mesmo acontecimentos que, à falta de explicação, são atribuídos supersticiosamente a artes diabólicas ou a espíritos sobrenaturais. Há muitos séculos, as supostas bruxas eram também acusadas de toda a espécie de maldade, como aborto nas mulheres e no gado, impotência sexual nos homens, temporais e inundações etc. Nos dias de hoje, pelo que se vê na mídia, as bruxas são bonitas, queridas de todos e não fazem mal a ninguém.

O recém-nascido, seja masculino, seja feminino, devido à passagem transplacentária dos hormônios maternos, especialmente estrogênicos, pode apresentar estímulo das células hipofisárias secretoras de prolactina, com consequente hipertrofia mamária bilateral e secreção transitória de leite, semelhante ao colostro, com duração de alguns dias ou mesmo de algumas semanas. Microscopicamente, há ectasia dos ductos mamários, porém sem formação de ácinos. Esse fenômeno – neonato secretando leite –, aparentemente extraordinário e enigmático, foi denominado “leite de bruxa”.

Chocolate e queimadura de pólvora. Endometriose é condição patológica definida como a presença de endométrio (mucosa uterina) fora do corpo do útero. Pode ocorrer em vários órgãos, sendo mais freqüente, no entanto, nos ovários, configurando inicialmente pequenas lesões avermelhadas ou azuladas de alguns milímetros. Com o tempo, podem sofrer cistificação e aumentar de volume e, ainda, devido a episódios hemorrágicos repetidos, apresentar conteúdo semilíquido castanho-escuro de sangue alterado, com aspecto de chocolate – de onde a denominação “cistos de chocolate”. Raramente atingem 15-20 cm de diâmetro, ocasião em que lembram ovo de Páscoa – dos grandes.

Já os focos de endometriose antiga ou na fase de cura, sobretudo quando na superfície peritoneal, mostram-se de cor castanha e de aspecto pulverulento devido à hemossiderose, isto é, ao acúmulo de hemossiderina, pigmento resultante da degradação da hemoglobina nas áreas de hemorragia em organização. Essas alterações, úteis ao diagnóstico por laparoscopia, foram comparadas a queimaduras de pólvora (ingl. *powder burns*).

Picada de pulga no rim. A picada de pulga (*Pulex irritans*) na pele provoca pápula urticada, às vezes centrada por pequeno ponto hemorrágico. Os rins, na nefrosclerose maligna (hipertensão arterial maligna), são de tamanho ora normal, ora ligeiramente aumentado, apresentando superfície lisa com numerosas e pequenas hemorragias petequiais, como se fossem “picadas por pulgas” (ingl. *flea-bitten kidneys*; esp. *riñon en picadura de pulga*). Esse quadro resulta da necrose fibrinóide das arteríolas e dos glomérulos comprometidos na hi-

pertensão. O mesmo aspecto é visto na impropriamente chamada nefrite embólica focal (na realidade, glomerulonefrite proliferativa focal), associada à endocardite bacteriana, quando o termo “picado por pulga” foi aparentemente usado pela primeira vez (T. Horder: *Infective Endocarditis*, 1909). Outras condições que têm micro-hemorragias por substrato anatômico configuram o mesmo quadro, por exemplo, certas hemopatias e a retocolite ulcerativa, em que a mucosa colônica, ao exame retossigmoidoscópico, pode revelar grande número de pontos hemorrágicos petequiais.

José de Souza Andrade Filho
é patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Caderno de *Anotações* Sabedoria

José Carlos Barbuio

A nossa existência é mais rica do que as classificações que, às vezes, impomos às pessoas e a nós mesmos. Os rótulos quase sempre empobrecem a personalidade de quem os endereçamos. Muitas vezes nos achamos diferentes ou até mesmo inúteis. Entretanto, a riqueza da vida, em algum momento, encarrega-se de mostrar como havíamos nos enganado: o que, num primeiro momento, pode ser visto como um defeito, por um outro ângulo, a mesma coisa pode ser vista como uma qualidade. Sobre o tema existe uma fábula, de autor desconhecido, que nos revela muito bem essa situação – fábula que reproduzo a seguir:

“Certo carregador de água tinha dois grandes potes, cada um pendurado numa ponta de um cabo, o qual ele carregava sobre seus ombros. Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre levava a porção completa de água, até o final da longa caminhada. O pote rachado chegava só com a metade. Por dois anos isso se repetiu, diariamente, com o carregador trazendo apenas um pote e meio de água. Naturalmente, o pote perfeito estava orgulhoso de seu desempenho, perfeito até o final para o propósito a que tinha sido feito. Mas o pobre pote rachado estava envergonhado de sua própria imperfeição e miserável por ser capaz de alcançar apenas a metade daquilo a que tinha sido feito para fazer. Depois de dois anos do que sentia ser uma falha insuportável, ele um dia falou ao carregador, perto do riacho:

– Estou envergonhado de mim mesmo e quero me desculpar com você.

– Por quê? – perguntou o carregador. Do que você está envergonhado?

– Tenho conseguido, nesses últimos dois anos, entregar apenas metade de meu carregamento porque esta rachadura faz com que a água vazze por todo o caminho. Por minha causa, você tem que realizar todo esse trabalho, e você não recebe o valor todo de seus esforços.

O carregador sentiu pena do velho pote rachado e, em sua compaixão, disse:

– Quando nós voltarmos à casa, eu quero que você note as flores lindas que há ao longo da trilha.

De fato, à medida que eles subiam a colina, o velho pote rachado notou o sol que aquecia as lindas flores silvestres ao lado da trilha, e isso o animou um pouco. Mas ao final da trilha, ele ainda se sentia mal, porque tinha vazado metade de seu carregamento, e de novo desculpou-se com o carregador por sua falha. O carregador disse ao pote:

– Você notou que havia flores apenas em seu lado da trilha, mas nenhuma do lado do outro pote? É porque eu sempre soube de seu defeito, e eu o aprovei. Eu plantei sementes de flores do seu lado da trilha, e cada dia, enquanto eu voltava do riacho, você as regava. Por dois anos eu tenho sido capaz de colher essas lindas flores para decorar a mesa. Sem você ser do jeito que é, eu nunca teria esta beleza para agradecer a casa. Cada um de nós tem seus próprios defeitos. *Somos todos potes rachados. Mas, se permitirmos, a Natureza utilizará nossos defeitos*”.

Musée Pierre Masson e o prof. Jorge Michalany

Guido Arturo Palomba

É com muito orgulho que a Diretoria Cultural da Associação Paulista de Medicina informa aos leitores deste Suplemento Cultural que o nosso querido mestre, professor Jorge Michalany, curador do Museu de História da Medicina da APM, recebeu justa homenagem, no Museu Pierre Masson, do Departamento de Patologia e Biologia Celular da Universidade de Montreal, Canadá, ao ser destacado como um dos quatro discípulos do famoso Patologista Pierre Masson. Na oportunidade, foi inaugurada vitrine contendo uma fotografia, os livros e as monografias do professor Michalany.

Desse modo, a patologia brasileira está reverenciada e muito bem representada nesta grande universidade francesa do Canadá.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira